

HISTÓRIAS E NARRATIVAS: ANOTAÇÕES SOBRE O CANDOMBLÉ EM GOIÁS

Kerley da Silva Géa*

Marcos Antônio Cunha Torres**

Introdução

Os estudos sobre as comunidades tradicionais de terreiro em Goiás são recentes. A trajetória do candomblé em terras goianas torna-se objeto de reflexão e análise de pesquisadores a partir do início do século XXI, assim, muito pouco foi acumulado. Foram identificados 20 trabalhos, entre artigos, dissertações e teses, que tratam de diferentes temas dentro desse campo. Portanto, é fundamental, pela importância das religiões, que tem sua matriz, na África na construção cultural no país, ampliar os estudos.

A constituição das comunidades de terreiro no Estado de Goiás vai se iniciar com a chegada do Babalorixá João de Abuque no final da década de 1960 e a fundação da casa de candomblé, por seus descendentes, vinculada à tradição nagô-vodunsi, que mais tarde irá se denominar Ilê Ibá Ibomim, em 1971. Há dois precedentes da relação com o culto a Orixás, representados por casas de Omolocô, uma em Goiânia e outra em Senador Canedo, entretanto os pesquisadores da área como também as nações de candomblé, jeje, ketu e angola, não reconhecem esse como uma nação de candomblé. Essa matriz representada por Pai João será predominante na constituição de casas ao longo das décadas seguintes. É importante registrar ainda que haverá a mescla da matriz de Pai João com o candomblé de ketu, quando esse passa para tal nação, incorporando os rituais de matriz iorubá à ritualística de sua comunidade e adotando o nome atual de sua casa.

A pesquisa acadêmica tem produzido de forma incipiente, mas contínua, nas duas últimas décadas sobre o tema. Os estudos sobre religiões afro-brasileiras em território goiano tiveram importantes avanços no período. A partir das produções em programas de pós-graduação, especialmente em História e Geografia, as discussões sobre o candomblé se afirmaram como um tema relevante para os pesquisadores que tem sua área de concentração na cultura afro-brasileira.

Por outro lado, importante contribuição para a comunidade acadêmica pelos estudos e pesquisas realizadas a partir do Centro de Estudos Interdisciplinar África-Américas - CleeA. Dentre os resultados a partir da pós-graduação podemos identificar os seguintes títulos: Torres (2009/2015), Correia (2009), Nogueira (2009), Teixeira (2009) Ulhoa (2011), Vieira Silva (2013), Pena (2014), Moraes-Junior (2016). Também se identificam produções na área da linguística. Esse perfil de pesquisadores desenha um

* Babalorixá há mais de 25 anos. Dirige o *Ilê Ajusan Okotun* em Goiânia, casa filiada ao Axé Oxumarê.

** Doutor em História e professor da Universidade Estadual de Goiás no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio.

campo interdisciplinar indispensável ao desenvolvimento da pesquisa do tema. Mais recentemente, novas produções podem ser verificadas, como Santos (2019), Souza (2020) e Porto (2021). As produções acadêmicas expressam um primeiro movimento da pesquisa em Goiás na perspectiva de conhecer as religiões afro-brasileiras em sua afirmação de um elemento constitutivo das relações sociais em Goiás. Ao mesmo tempo expressa um esforço de recuperar a presença negra na sociedade, sendo essa herdeira da mineração e da escravidão, amplamente difundida em tal atividade econômica. Mas é ainda possível identificar que a academia em terras goianas se aproxima do estudo sobre relações raciais, sob uma leitura antirracista, de forma tímida.

Ao analisar a produção bibliográfica sobre aspectos da trajetória do Candomblé em Goiás vai-se dialogar mais diretamente com três trabalhos, que articulam um debate mais amplo sobre os temas propostas para a pesquisa. O primeiro, a dissertação de Torres (2009) que inicia uma narrativa sobre a primazia do Ilê Ibá Ibomim, dirigido pelo Bábálorixá João de Abuque, na constituição das comunidades de terreiro e aponta o Ilê Omi Gbato Jègedè, dirigido pelo Bábálorixá Djair de Logunedé como o difusor da nação ketu no Estado. O segundo trabalho é a dissertação de mestrado de Ulhoa (2011) que analisa a constituição da comunidade de terreiro dirigida por Pai João de Abuque e como se articula a afirmação de novas casas a partir dessa matriz nas duas décadas seguintes. Por último, a tese de doutorado de Vieira (2013) que aponta um histórico mais amplo, aprofundando a distribuição espacial das comunidades de terreiro por ela identificados e suas vinculações com as matrizes apontadas por Torres.

Ao analisar a chegada do candomblé em terra goianas, Torres aponta para configuração da chegada de Pai João (1971), vindo do Nordeste e Babá Djair (1992), vindo do Rio de Janeiro, e analisa o grande significado dessas casas para a consolidação do candomblé em Goiás. A segunda comunidade de terreiro constituída em Goiânia é dirigida por uma filha de santo de Pai João, Teresa de Omulu. Ainda dessa geração, podemos destacar as casas de Mãe Lourdes de Oyá, Mãe Jane de Omulu, Mãe Eni de Odé, Mãe Lena de Oxum, Pai Kerley de Oxalá e Pai Ênio de Oxum.

Assim, a casa matriz é a que foi instalada no Setor Pedro Ludovico por Pai João e teve que enfrentar a perseguição policial para louvar os Orixás e representar um espaço de memória e cultura negra em Goiás. Há uma coincidência de leitura a partir dessa tese com Vieira (2013), que aprofundará a leitura sobre as descendências das duas casas matrizes. Ao tratar da segunda matriz que impacta o candomblé em Goiás, especialmente em sua capital, Torres aponta a casa de Babá Djair de Logunedé, que chega a Goiânia no início da década de 1990 e traz consigo a tradição da nação de ketu para a cidade, provo-

cando a migração de vários pais e mães de santo para o candomblé de ketu, já sob a influência do Axé Oxumarê em sua vertente do Rio de Janeiro. Esse processo terá profunda repercussão sobre a trajetória do candomblé na Grande Goiânia. Das 32 casas até agora identificadas na região, 31 são vinculadas a essa tradição e dessas mais de 80% são vinculadas, ainda ao Axé Oxumarê. Nessas referências não se discute a constituição do candomblé no entorno do Distrito Federal, que tem caminhos distintos em muitos aspectos. Aqui é importante observar que tais aspectos são marcados por adeptos em trânsito entre essas duas referências. Ao mesmo tempo, é possível observar, como apontado por Prandi (1999), a migração de muitas lideranças religiosas entre a umbanda e o candomblé, bem como de muitos adeptos.

As palavras a seguir são do Babalorixá Kerley de Oxalá, que tem 33 anos de iniciado. Ele foi iniciado no culto aos orixás na casa de Pai João de Abuque. Tornou-se babalorixá do ano de 1998, quando inicia seus primeiros filhos de santo, dentro da casa de Babá Djair de Logunedé. Assim, ele é uma das testemunhas desse processo de constituição das migrações que marcam a estruturação das comunidades tradicionais de terreiro na Grande Goiânia. É importante registrar, ainda, que Pai Kerley é um dos sacerdotes mais velhos em atuação em Goiânia. Manteve-se o formato de diálogo em que se realizou a conversa. O pesquisador é também babalorixá, iniciado por Pai Kerley no ano de 1999, tendo, portanto, 24 anos de “santo”, como é referenciado dentro do próprio candomblé. Assim, em vários momentos reflete-se esse aspecto de construção de uma memória pelo diálogo entre eles, buscando precisar datas, momentos e fatos, que serão ordenados na produção de um discurso de origem, sobre o mito de fundação da tradição do candomblé em Goiás.

Vários assuntos foram tratados ao longo desse diálogo. Aqui são apresentados especialmente aqueles que se relacionam à história do candomblé em Goiânia, surgindo novos personagens dessa construção, que ainda não foram identificados pelos estudos já realizados. A escolha foi realizada em acordo entre os autores. Aspecto importante é sobre a herança da nação ketu no estado, dada a importância dessa nação no Brasil. Ao final Pai Kerley faz reflexões sobre o momento do candomblé e seus desafios diante da nova realidade.

História do candomblé em Goiás

Marcos Antônio Cunha Torres: Como iniciou sua história no candomblé?

Kerley da Silva Géa: Na época eu tinha uns 12, 13, 14 anos não, eu não posso precisar bem. Eu fiz meu santo deu o nome no dia 21 de novembro de 1984. acho engraçadas as pessoas que falam isso. Tem gente que fala “há eu nem me lembro quando é foi que eu fiz santo”, mas a minha eu lembro exatamente. Isso foi depois de Pai Júlio começar a

cuidar de Pai João. Nessa época mudou muita coisa lá. Mas eu penso que o primeiro barco que foi feito na casa do pai João, depois da época do pai Júlio é o barco da Cristina de Oxum, que é a mulher do Paulinho. Que foi o Beto, ela, o Dário e outra pessoa, não estou lembrando agora. Talvez seja a Biloca, eram quatro no barco. A Biloca, sabe a Biloca? A mãe da Fernanda, a Ekedj Fernanda. Biloca é irmã do Luisinho, filha do Mestre Bimba. Eu eu não tenho essa data mas, mas eu posso conseguir tranquilamente. Porque pai Júlio chega a Goiânia acho que em 1980 acho, não tenho certeza. Porque eu penso que é... lembranças, eu era muito novo.

MACT: O senhor ficou na casa de Pai João até quando?

KSG: Agora eu já..., isso agora eu não me lembro bem. Eu paguei meu ejê em maio de 1994. Então eu sai antes disso da casa de Pai João. quando eu tomei 7 Eu já tava com 10. Isso já foi na casa de Babá Djair, no Jardim América.

MACT: Eu lembro quando o senhor estava pagando os 14, eu já estava com 16 ou 17, que foi em fevereiro de 2000, junto com a confirmação da ekedji Angela. Como foi o barco da sua feitura?

KSG: É, na verdade, eu entrei num barco com 6 iyaôs. Então eu bolei durante três anos, E... então recolhi num barco, eles estão vivos, tem alguns que estão vivos ainda. Assim, e... era... Hô meu Deus! Morreu, mas eu não posso esquecer o nome deles não, é: Lima do Ogum, Gilmar de Xangô, Fátima de Iansã, Zinha de Oxumarê, mas o nome da Oxum eu não sei, porque ela fez santo e foi embora, num... num.. não deu segmento, Fátima de Yansã, ela é irmã carnal do Luiz Rosinha. Você conhece o Luiz Rosinha?

MACT: Não! De nome não.

KSG: Ele é de Oxumarê. Esse teve casa, mas a casa dele também não funciona mais. Ele está vivo também. Aí quando a gente já estava lá porque era aquela história de 21 dias, nessa época se recolhia 21 dias no quarto de santo. Lá a gente não tinha rundeime, era quarto de santo né? Roncó! Então tinha o roncó do Oxossi e o Roncó de Ogum, que era da minha mãe pequena, mãe de Ronda, Lourdes do Ogum, que está viva.

MACT: O senhor se lembra da origem dos irmãos de barco?

KSG: Desistiu sei lá, eu não sei o que que ela é. Eu não sei Marcos, não sei nada dela. O Lima era de Petrolina, o Gilmar também de Petrolina, a Zinha é daqui, a Fátima é a irmã do Rosinha, Luís de Oxumarê, e essa menina de Oxum, não sei o nome dela, não sei nada dela, nem de on-

de é. Eu tenho consideração pela Zinha como minha irmã de barco porque, depois a gente cumpriu o preceito lá e tudo né. É... eu, ela e o Lima que ficamos na roça, passamos os três meses na roça. Os outros foram embora, a Fátima que é a irmã do Rosinha, foi para casa do Rosinha que ele tinha casa de candomblé à época, o outro imediatamente voltou para Petrolina. Nós três é que ficamos. Então tinha mais apego ao Lima, também faleceu, já faleceu e a Zinha que está viva até hoje e o filho dela, hoje, é filho de santo do Stive, ele é de Obaluaiê.

MACT: Ela morava lá?

KSG: Na verdade morava lá no barracão, na roça de Pai João, e ficou. Até o filho dela fez santo agora a pouco tempo, no Stive também. As minhas obrigações não tomei lá, num tomei de cinco, porque lá tinha obrigação de 5 anos e eu não tomei essa obrigação. Já tomei 7 anos, meu ejê, com Babá Djair.

MACT: O senhor é um dos primeiros a tomar obrigação com Babá Djair?

KSG: Na casa do Babá Djair, o primeiro foi o Neto, que agora é Juremeiro, da Jurema. Foi o primeiro, que ele tomou 14 anos com Babá Djair. Primeiro candomblé aqui do baba Djair fez candomblé, que eu me lembro foi do Neto, depois do neto foi a Sabina do Oxossi, que foi a primeira Yawô que ele fez em Goiânia, depois fui eu, que paguei os 7 anos. Aí depois ele não tem... não sei. Aí teve uns Yawôs, eu não sei, não, saber eu sei, mas não sei a ordem. Teve a ekedji Helena e a Elaine.

MACT: Marcos Torres – Não sabe a ordem dos iyawôs na casa de Babá Djair?

KSG: Não lembro, mas lembro de quase todos, Robson de Guiã, Regina de Oxum, Watusi de Iansã, Eduardo de Ossaim, Valéria de Oxumarê, Frank, não Frank foi com a Maria Luíza. Ainda teve Dona Alaci, que deu obrigação na casa do Jardim América, além do Pai Kênio e Mãe Jane que deram obrigação com ele, mas em suas próprias casas. Teve o Adriano de Oxossi, Carla de Iansã, Vilcilene de Omulu, Rosa de Oxum, Lorena, egbon Vilma, que também fez o Anderson de Logunedé. Francis de Xangô tomou os 3 anos aqui e a mulher dele, que fez santo aqui, Antônia de Oxumarê.

MACT: Marcos Torres – O Frank foi feito com a Maria Luíza?

KSG: Ele é do barco do Paulo de Oxóssi, professor Paulo Petronílio. É, eles são feitos no mesmo barco, mas são filhos de santo da Maria Luíza. Eles eu sei exatamente a data da feitura deles porque, foi o acidente do World Trade Center, que ano foi aquele?

MACT: 2001.

KSG: 2001, naquela semana eles estavam de rundeime, bem nessa semana, saíram nesse sábado. 11 foi que dia? É só ver. Você vê, já tem 22 anos de santo.

MACT: O senhor lembra do ano de inauguração da casa de Babá Djair?

KSG: Essas datas é você que controla melhor, porque...

MACT: Em conversas com com Babá Djair ele me disse que foi em 1992 e em 1993 é quando ele registra a Casa.

KSG: 1993?

MACT: É.

KSG - Demorou tudo isso?

MACT: Ele chegou em Goiânia em 1992.

KSG: Ah, tá!

MACT: Esse ano faria 30 né? Esse ano faria uns 30 anos.

KSG: Mas ele registrou? O Axé estava registrado?

MACT: Estava registrado, tem um estatuto.

KSG: Eu porque eu lembro dessa movimentação, desses papéis naquela época. A Sabina, Helena.

MACT: Do início do candomblé em Goiânia, que elementos dessa história o senhor se lembra?

KSG: É uma história, é muito curta né, é muito novo, o candomblé em Goiânia. E a expansão do candomblé é de 20 anos pra cá. Não sei se você lembra quando você fez santo, quantas casas tinham aqui.

MACT: - 11.

KSG: 11? Quando você fez santo?

MACT: Não. 11 quando eu fiz mestrado.

KSG: Pois é quando você fez santo, a gente podia contar nos dedos das duas mãos não, não dava. É quer dizer sobrava dedo. Agora depois já cresceu bastante. Não aí a história começa aí né essa história até aí é pouca. Pesquisador: Eu li recentemente uma dissertação que questiona a afirmação de que a primeira casa de candomblé é do seu João, Pai João de Abuque, e disse não, que foi uma lá da Serrinha, que tocava o candomblé de Caboclo. Eu não sei se dá para considerar O Candomblé de caboclo como âncora para o desenvolvimento candomblé,

de qualquer forma não deixou descendência né?

KSG: O que que acontece, é que na verdade esse candomblé que você está falando aí é Candomblé da mãe Brasília. Que era, era muito amiga lá na casa do Pai João e... tudo bem que a gente não é tamanho, não é nada, mas não era uma casa de candomblé, era a casa dela, que ela atendia. Ela era facção diferente, ela era, não era da família do Pai João e eles eram amigos e ela tinha desenvolvido esse trabalho, mas não pelo menos que eu me lembre, não tinha candomblé. Eu a conheci, eu nunca fui na casa dela porque nunca teve oportunidade. Não vou dizer assim né? Que não teve um candomblé ou uma macumba pra gente ir, então eu não sei se essa casa era uma casa estruturada. É, eu não sei! Eu sei que ela era uma agbá, que ele era velha, mas a gente não tinha ela como Yalorixá não! Nunca tivemos ela como Yalorixá. Eu sabia que ela era egbom, e que usava bata, eu lembro dela, a visão que eu tenho dela, as lembranças que eu tenho dela é sempre com a bata e o pano amarrado uma rudilha amarrada na cintura e um delogum vermelho e um azul escuro. São as imagens que eu tenho dela, da mãe Brasú, ela chamava Brasú, falava Brasília. Mas casa mesmo, pode até ser. Não vou dizer que não, mas eu não tenho essa recordação não. Então, o grande dilema dessa questão; de primeiro e de segundo. Na verdade essa história de quem foi o primeiro e quem foi o segundo, não está com mãe Brasú, não está com essa, com essa questão da... é... do candomblé de caboclo e o candomblé do Pai João de Abuque não. Está com o pai João de Abuque e o Ironi, o da Vila Mutirão, você sabe quem é.

MACT: Não!

KSG: Painho?

MACT: Dele, eu nunca ouvi falar.

KSG: Pois é, pois, esse, esse homem que era a concorrência do Pai João, naquele momento. Eram as duas casas de candomblé que tinha. Todas essas pessoas que estão na região noroeste faziam parte da casa do pai Ironi: a Helena, Mãe Lena, é... esse povo! Não conheço a origem de axé dele. Depois esses atritos, porque eles eram o gato e o rato, o cachorro e o gato. Eles brigavam, eles tinham problemas, e... um dizia que não era feito, que não era feito, outro dizia... aquelas coisas né? que a gente daqui, daquela época então era pior né? Porque a gente ficava no meio, e a gente defendia o nosso, metia o pau no Pai Ironi. Depois eu o conheci fomos amigos, ele morreu tem pouco tempo. Acho que tem um ano que ele morreu. E... mas essas, é eram as duas casas que existiam aqui em Goiânia. Na mesma época que ninguém sabia quem é que começou primeiro. É porque a gente tem claro que Pai João, isso aí está claro que todo mundo fala né? Pai João começa na casa em que... não era bem assim né? Era uma coisa meio que, devagar não era...

depois com o tempo é que ela foi se estruturando. Então a gente sabe da importância de Dona Geraldina na vida dele. Para você ter uma ideia, minha mãe dançou candomblé na casa dele antes de eu nascer, no Norte Ferroviário. Eu nasci em 1968. Pesquisador: Essa era uma dúvida, a ida dele para o Pedro Ludovico... Porque ele chega e fica lá, no Norte Ferroviário.

KSG: Isso, exatamente, no Norte Ferroviário. Então o que que acontece, ele, ele a conhece aí né? Porque eles estavam aí. Então, quando foi desapropriado ou alguma coisa assim, que aconteceu ali, eles estavam na mesma condição e dona Geraldina, a Geraldina, ou madrinha Geraldina era uma mulher que não era estudada, mas era muito bem articulada com a questão política, pelos médicos, que ela já tinha de gente da Prefeitura e tal. Então, quando surge o setor Pedro Ludovico ela é uma das pessoas que está à frente. Ela era militante né? Dessas questão das pessoas que tinham necessidade de tudo. Então primeiro, os primeiros a receber terrenos, foi seu João através dela. Ela que, que fez toda a movimentação para ele, o Pai João, para aqueles dois terrenos que tem lá hoje, que ele pudesse ter acesso a eles. Então, por esse motivo, ela consegue esse lugar, você encontra ela junto com a prefeitura e consegue esse terreno para ele no loteamento. Porque foi loteado ali e puseram todo mundo. E essa foi a questão tem que ter trabalhado não quer dizer... ela por ser Umbanda. Ela já estava ali há um tempo já estava ela sim, é bem antes dele, a gente sabe.

MACT: A Dona Irací também?

KSG: Dona Irací de Omolú? Não! Dona Irací do Omolú que você está falando? Aqui Dona Zélia, Dona Iraci, todas essas mulheres eram filhas do Painho. Eram filhas, eram família do Marcelo de Iansã. Todo esse pessoal dessa zona noroeste aqui, tudo era filho de santo do Painho. E os filhos de santo do Pai João estavam no Sul, na região sul que é do setor Pedro e mais, mas adiante... Depois assim, mas a Lena por exemplo, aí a Lena ela fez santo já com o Pai João, mas ela fazia parte da casa do Painho, ela tinha envolvimento aí, eu não sei qual era, porque a gente também não tinha acesso, a gente era realmente proibido de ir na casa do Painho. A gente não podia ir, mas a gente já sabia as pessoas que frequentavam lá. Esse pessoal todo aqui fez santo lá.

MACT: Olhei aqui, a dissertação fala sobre o Pai Joaquim de Xangô.

KSG: Ele era neto de santo de Pai João, filho de Taleui, que é meu primo. Ele teve casa de santo em Goiás. Não sei se ele tinha umbanda antes, mas no candomblé, ele é da descendência de Pai João de Abuque. Pesquisador: Há uma afirmação que a primeira casa de ketu em Goiânia foi

a de Babá Djair. Como o senhor vê essa afirmação?

KSG: Então, quando eu faço o santo, a Casa do Pai João, o Pai João já estava com o pai em Julio né? Pai Júlio que nesse momento era filho de santo do pai Valtinho de Logun Edé, que era o que sentava na cadeira do Igbá Fará Omi, que é o axé em Salvador. Logo Pai Valtinho faleceu e hoje o herdeiro o que senta na na cadeira é Pai Alex. Que é esse que está andando muito por aqui, na casa da Diva, que é o pai de santo da Diva, o pai de santo da Eni. Atual que aí continua no mesmo axé então. É... isso aí por isso eu acredito que o Babá Djair não seja a primeira casa de Candomblé que toca Ketu. Porque quando o Pai Júlio chega e dá continuidade as obrigações de pai João de Abuque, essa casa passa a ser... está relacionada, tá vinculada ao Igbá Fará Omi. É quando eu acho que é a primeira casa de Ketu no Estado de Goiás, ou em Goiânia, né? Porque tem as cidades do entorno de Brasília, que talvez pode ter alguma mais antiga.

MACT: Raimundo de Oxum.

KSG: Raimundo de Oxum, Raimundo de Oxum é posterior a Railda de Oxum que é mãe dele. Raimundo de Oxum é filho de santo de Railda de Oxum que é do Opô Ofonjá. Railda também é Goiás né?

MACT: É, ela chegou em 62.

KSG: É, eu não sei. Sinceramente não posso afirmar não, mas aqui em Goiânia então eu não afirmaria que o Babá Djair foi o primeiro candomblé de Ketu não. Porque eu venho de Ketu. Quando eu fui para casa do Pai Djair eu venho de ketu, então eu não venho, eu não venho de outra coisa, eu venho feito de Oxalufã e Oxlalufã se faz em Ketu e deu continuidade ao que eu tinha. Que isso é outra polêmica de uma coisa que não podemos falar sobre isso. Veio para mim lembra de uma coisa, Lisa é um inquite e outra é Oxalá, que é Orixá. Podem ser parecidas mas é outra coisa. Então é... Babá Djair faz santo no Rio de Janeiro, na casa da finada Angoromí, que era de Angorô, Oxumarê para nós, né. Que era neta que eu esqueci agora o nome da mãe de santo dela, ai esqueci. Era de Oxossi. A mãe da finada Angoromí era de Oxóssi, essa de Oxóssi era filha do Pai Joãozinho da Goméia. Pai Djair toma as primeiras obrigações de lawô dele lá, e toma 7 anos com Pai Júlio do Oxóssi em Campo Grande, Rio de Janeiro, onde ele toma também obrigação de 14 anos. Quando aí tem um atrito, existe um atrito, um grande atrito é quando ele vem para cá e toda a história da vida dele, quando eu conheci. Ele disse que não queria voltar com o Pai Júlio e eu disse que ele tem que voltar para casa do Pai Júlio, e eu falei, sem referência eu não vou ficar. Você lembra dessa história nós vamos ter que ir lá ou só termina essa relação com ele, começa com outra pessoa ou... Bom, depois de Pai Júlio teve o Pai Valfrides, que teve aqui, que deu 25 anos pra Logunedé.

MACT: O Valfrides era filho do Bobó de Oyá?

KSG – Não! O Valfrides era filho do Pai Aguessi, que por sua vez Pai Aguesse era filho de santo do Pai Bobó de Yansã.

MACT: Há uma imprecisão, mas parece ser a primeira casa do Axé Oxumarê fora de Salvador, a do Bobó.

KSG: É, eu não sei se é a primeira casa do Axé Oxumarê fora de Salvador, não sei se a casa do Pai Bobó é a primeira no Brasil, porém é a primeira no Estado de São Paulo, isso eu posso garantir que é a primeira. Porque também tem do Teodora no Rio de Janeiro, né? Que eu não sei aí, essa não consigo controlar nem as datas daqui ali o movimento eu sei que pai Bobó é o percussor do candomblé, do axé Oxumarê, dentro de São Paulo. Tem muita gente, mas o primeiro foi Pai Bobó, não é outro é ele.

MACT: O Axé ainda está aberto?

KSG: Do Pai Bobó? Teve uns atritos, uma coisa muito forte lá e tudo, mas no final...

MACT: Quando o Valfrides deu obrigação no Babá Djair, ele já tinha se afastado do Julinho. O senhor estava dizendo.

KSG: Sim, que foi depois, depois primeiro foi lá e pai Júlio veio fez a obrigações as obrigações para quando eu conheci o Ricardo quando o Ricardo fez o Santo do Alex também, aí pai Júlio deu obrigação nele. E outra vez sobre outros problemas aí foi quando ele vai para o pai Valfrides de novo, e de novo e quando ele viu o pai Valfrides pela primeira vez e deu 25 anos nele.

MACT: Aí depois ficou uma temporada sem ir, foi a transição né?

KSG: É, aí foi a transição, né. E aí, era o pai de santo dele era Valfrides. Meu pai sempre foi uma pessoa muito independente. Coisa notória que a gente sempre soube. Então, houve problemas, né? Não sei se você se lembra? Teve problemas com a Sabrina que era Yalaxé, com a Helena. Então, houve esses problemas, então, ele decidiu ficar uma temporada aí, sem pai de santo, depois palavras textuais dele politicamente ele tinha decidido dar a cabeça no Axé Oxumarê.

MACT: Isso já em 2012.

KSG: 2012 Pesquisador: Marcos Torres – 2012 eu lembro porque foi em 2013 que ele foi na sequência ele deu uma obrigação. Eles vieram para dar obrigação dele lá. Já no

Gbàtó, lá em Águas Lindas e aí depois ele desceu para assentar a minha casa, lá em casa foi 2013, ele estava muito empolgado com essa nova situação.

KSG: Ele fez uma visita também ao Opô Aganjú né?

MACT: Antes?

KSG: Não, não tenho conhecimento.

MACT: Como é que chama Lúcia né? Lúcia que a filha do Obarain, não sei, o senhor deve se lembrar. Eu conheço de nome, diretora da Jovem Pan.

KSG: Lúcia?

MACT: Lúcia que o levou lá.

KSG: Eu conheço pessoalmente.

MACT: Como foi o primeiro barco que o senhor iniciou?

KSG: É e aí eu fiz o primeiro barco lá, quer dizer, eu fiz lá no terreiro do Babá Djair., que é o Cleiton ogan e a Karina de Logunedé, minha primeira iyawô. E aí depois, teve o Marcos d'Ávila e a Shamara, que mora no Jardim América ainda. Aí depois...

MACT: Antes deles foi a Elizângela, né?

KSG: Não! A Elizângela foi no Capuava.

MACT: Sim foram feitas no Capuava, mas foi antes do barco do Dávila e da Shamara.

KSG: Não porque, porque depois que eu depois que eu comecei a fazer santo no Capuava, eu já não fiz ninguém mais no Jardim América. Eu acho que a Shamara é a última. Foi mesmo, agora me lembro que, foi o barco da Elisângela de Ogum e do Mário de Oxum. Já não me lembro porque o barco da Shamara foi feito no Jardim América, depois todos os outros foram feitos no Capuava e, em seguida, no Fonte Nova e não fiz santo nenhum mais no Jardim América.

MACT: O barco do D'Ávila foi feito lá em outubro de 1998.

KSG: Essas datas eu não lembro não.

MACT: Sim, eu sei por que em julho de 1999, que foi o barco seguinte foi o meu.

KSG: O seu? É, essas datas eu não lembro não. No Capuava a primeira a ser feita foi a Regina, depois da Regina, foi o Carlúcio e depois a Elisângela e depois você. Ai eu me perco

totalmente.

MACT: O senhor lembra quando abriu a casa de candomblé no Capuava?

KSG: Não me lembro a data certa, mas em 98 estava aberto já, porque em 98, é quando é feito lá no Jardim América, o Cleiton e a Karine. Então se, se depois deles ainda teve o barco do D'Ávila e da Samara. Acho que foi em 1997. Como é que é? Não sei.

MACT: Em 1998 eu já conhecia o Capuava. O senhor morava lá na Vila Morais.

KSG: É, era na rua 4, perto daquele candomblé que eu falei pra você que tem lá.

MACT: Quando inaugurou o barracão aqui no Fonte Nova?

KSG: Não lembro, mas é muito fácil essa pergunta (risos), mas não sabe não, tem que perguntar a Ramaica, porque minha primeira Yawô aqui é a Ramaica. É, eu não sei se foi... Não tenho, não estou seguro, não tenho certeza. Não me lembro. Se a gente olhar no Instagram dela que ela vem falando a idade dela? Teve um dia que ela veio brigar comigo porque "há mas o seu axé pai Kerley, nasce com a minha feitura" eu falei como? Como é que é isso? falei não, a casa do Fonte Nova foi inaugurada na sua feitura. Mas você não tem ela no Facebook né? Ah, é... deixa eu ver depois eu te falo. Ou não... ai não lembro e nem desse outro. Fica claro que nós estamos falando de mim, né? Por que? Por que se for falar desse axé, não podemos falar do Gbatô e nem desse outro, que esse outro não era meu. Então tem que ficar claro, não vai entender. Os primeiros Yawôs que eu fiz foram na casa do Babá Djair, e os segundos foi na casa do Marcos, a casa foi levantada para ele. Essa casa foi levantada para mim. A minha História passa por aí, mas não fazia parte da Santíssima Trindade daquela casa e nem da outra.

MACT: Então foram dois barcos lá no Jardim América?

KSG: No Jardim América, isso. Acho que, dois só. Não, o Joaquim também.

MACT: Joaquim.

KSG: - Joaquim Adorno também foi lá. Não, ele também foi no Capuava.

MACT: Então o último barco ainda no Capuava foi o Joaquim. A Raimunda e o Fred foi em 2001.

KSG: Não! O Fred foi com a Fátima.

KSG: É, pode ser. Não tinha pensado nisso.

MACT: Se o senhor pegar as casas mais tradicionais, que é casa de mãe Teresa.

KSG: Não sei a Léia ainda é filha da Teresa? Não sei. A Léia era filha dela.

MACT: Está com o pai Marcelo.

KSG: Ah! É, o Marcelo, é verdade, o Marcelo de Yansã. É eu acho que de casas que estão que estão funcionando mesmo né.

MACT: É mas eu acho que nessa ramificação, hoje é a casa do senhor.

KSG: – Eu acredito que sim. Na sua tem casa aberta não?

MACT: Não! Ainda não tem nenhuma.

KSG: A Eni também não tem nenhuma que eu saiba. A Teresa, Teresa tem pai de santo lá na casa dela. O menino estava com ela, quer dizer, o menino não. O Ricardo de Ogum, é filho de santo dela, mas não tá com ela mais.

MACT: Hoje grande parte das casas se vinculam as casas (matrizes) de Salvador, Rio de Janeiro, movimento mais recente das casas e essa relação de descendência entre casas não tem acontecido muito em Goiânia.

KSG: Eu não sei. Eu penso que talvez o que, que acontece é justamente a falta da estruturação né. A casa não oferece. Então esse rodízio tão grande de casas como você mesmo pessoas não... não tem, não tem vínculos né. Então começam a buscar fora. Porque primeiro que o de fora é melhor do que eu de dentro né, sempre foi assim. Que o outro é mais bonito, o outro faz melhor, então que com isso aqui em Goiânia vai acontecer muito, mais né. Porque não tem a tradição, “pois eu fiz Santo lá no Ajussan Akotun, tomei um, dois, três e sete abri minha casa. Meu pai continua vindo” por quê? Porque não teve essa, os lawôs não tem, talvez essa casa não fornece para ele o que ele realmente necessite para ele poder se afincar né. Uma coisa que eu sempre falo, eu tenho uma coisa muito boa que eu tenho que agradecer a deus e os orixás, é que nem todos os filhos de santo que eu iniciei estão na minha casa, mas todos os filhos de santo que eu iniciei não são crentes, isso para mim já é fantástico né. Eu quero conquistar a cabeça grande, que funciona e o que eu dei para eles o que eu tenho se não valeu como ensinamentos espirituais eu tenho certeza que para a vida deles valeu bastante, porque eu não vejo também ninguém, as pessoas que passaram pela minha casa em situações desagradáveis elas aprenderam a levar a vida delas. Sou eu responsável? Não, não sou eu, são elas mesmas, mas todos os pedidos que eu fiz a Ori, eu tenho cer-

teza que foi ouvido naquele momento e os orixás deram a elas o que elas necessitavam nesse momento. Então eu acho que é isso que falta né que a pessoa que esteja à frente da casa, que ela esteja mais dedicada a essas pessoas para que elas não precisem ir para fora e aí buscar, e esse rodízio tão grande hoje tá aqui nessa casa amanhã tá em outra casa né. As vezes está na gente mesmo né? Mesmo sacerdote nós precisamos deixar de vender a prosperidade que é uma coisa que eu acho que a gente tem que parar, já desde ontem. Tem que parar tem de vender o reino do céu, igual era os crentes antigamente você tem que ser crente para ir para o céu. Então você tem que ser do candomblé para você ser melhor a pessoa, para você melhorar o seu caráter para você ter uma índole boa, porque através disso você vai adquirir o que você necessita na sua vida. Só através de você mesmo é que você vai conseguir. Não adianta você vir aqui e ganhar, que você não vai ganhar. Mas eu penso que é aí porque deveria mas deveríamos pensar nisso e fortalecer a nossa espiritualidade. Porque o que eu vejo no candomblé hoje eu sinto isso eu sinto que e talvez sem me dar nome mas dizendo claramente o que eu penso eu acho que candomblé de Goiás foi muito desvirtualizado pela empolgação carioca, todo luxo, todo glamour todo estrelado da roda do candomblé. atrás que tá todo mundo né o Estrelato do Candomblé a roda do candomblé é tudo muito bonito, porém a espiritualidade do Candomblé ela é muito mais bonita do que isso ela fala muito mais e eu acho que isso está um pouco que estacionado, sabe eu tenho sentido isso mas para mim talvez é mais fácil.

MACT: Como o senhor vê o candomblé hoje?

KSG: É, porque se a gente vivesse em uma outra realidade, né, por exemplo eu vivi uma realidade na Espanha e me assustou muito porque eu não conhecia a santeria né Ah tá e na Santeria é assim na Santeria você faz santo hoje, uma semana você fez santo, você vai embora e leva seu santo, Ogum, Oxossi, exu e já... é E aí seu pai de santo já te dar búzios o obi para você poder conversar com eles. Então... eles falam "atender" né. Aí você tem que atender o santo cada 5 dias, não é bem igual um IFÁ que é 4 dias são quatro dias. E uma amiga minha de Dhiohandra morava na mesma cidade do que eu é mulher de um amigo meu e ela foi para cuba e fez Santo quando voltou, eu falei uai Dhiohandra O que que você fez? que que é isso? "Ah não que eu tive lá em Cuba eu tive que ser iniciada e me iniciaram e tal e aí tô com meus santos os meus guerreiros". Eu falei há é? Como que é isso? Aí ela foi me explicar né. Eu fiquei fascinado né, eu achei bacana! Porque a gente entende também que o nosso candomblé é nosso culto é... a nossa criação da forma que ele foi criado a gente tem que entender que é assim né?! Quando se fa-

zia iyawô e essa coisa que a gente tem claro que o iyawô tem que ficar um ano de preceito, que não pode por a mão no Exú, que iyawô não pode isso, que Yawô não pode aquilo, é uma coisa nossa, que a gente tem que continuar preservando e aceitando e fazendo da mesma maneira né, mas não é assim, o culto a orixá da forma que chegou aqui não era assim, era uma forma de iyawô ficar lá, né, para pagar o que ele tinha feito.

MACT: Como o senhor a reação às atualizações que ocorrem no candomblé? Muitos defendem um purismo das tradições, como se fossemos voltar aos 21 dias de rundemi.

KSG: Não, não vamos não, porque é muito dispendioso, eu passei por isso é ruim para quem fica é ruim para quem faz é não. É demais já, já está bom demais. Então assim né! Eu acho que tem coisa que a gente tem que se adequando as necessidades do momento e né? Aquela Fala minha antiga da Era da Escuridão da era do esclarecimento não sei se você se lembra eu acho que nós estamos agora na era do esclarecimento, então a gente tem que adaptar coisas ao contrário desadaptar coisa né? coisas que eram assim, que tem que ser assim, isso não tem que ser assim, encontrar um caminho... é exatamente. Eu tenho falado isso, para alguns filhos de santos e todos que estão muito arraigados lá dentro né? Na casa do Pai João que eu tenho, o Pai João morreu, a gente tem que ter isso claro porque hoje já não funciona mais esse sacerdote dessa maneira, naquela época era bacana a gente temia mais do que respeitava, né? Era outro contexto, hoje em dia não, hoje em dia é diferente. E eu prefiro o dia de hoje do que aquele. Ai que saudade do meu tempo! Sou igual a mãe Estela “o meu tempo é agora e esse negócio de saudade de coisa ruim eu não tenho não” acho que você deve partir para o novo e se adequa ou está fora, né! É muito difícil, tem coisa que, isso aí sobre a gente estava falando eu acho que dentro de uma casa de Candomblé, existe para todo mundo, existe espaço para todos, né. Então uma pessoa determinada sexualidade ou determinada condição psicológica isso tudo você tem que ser tem que analisar então, existem cargos sacerdotais, existem cargos políticos existem cargos... enfim, que você pode determinar aquelas pessoas, derivar aquelas pessoas nos lugares sem infligir nenhuma...mas precisa ter isso claro, que tem que haver mudanças né?

MACT: As casas se renovam, inclusive na sua composição, com novos membros. Essa energia é fundamental para o candomblé.

KSG: Aqui também nós estamos com a mesma situação

porque até outro dia uma pessoa falou para mim, um Yawô que veio aqui para casa que retornou aqui para casa fez Santo aqui em casa mas não era filho de Santo meu eu fiz para pessoa ele foi embora foi embora da casa dessa pessoa e quando eu voltei essa pessoa decidiu vir para minha casa e a fala dele era essa tá aí “eu tô muito preocupado pai Kelly porque eu sou iawô eu vou para uma casa de egbomi, o senhor só tem egbomi na casa do senhor”. Eu vou apagar a luz porque não tem Abian e mas eu estou muito feliz e é isso que eu quero então assim eu tenho eu tenho pleno plena certeza de que isso é o mais importante. Eu sempre pensei assim Kelvis Eu acho que eu acho que é muito melhor, eu sempre gostei mais de uma iniciação, de fazer o santo de uma pessoa do que dar os 7 anos dela não por nada mas é porque eu sei que é aquilo que a gente ouve a vida inteira né “os crentes fala enquanto tiver uma mulher grávida é porque Deus ainda tem esperança na humanidade” cada vez que sai um yawô seja na minha casa ou na sua eu agradeço a Deus porque eu acho que isso é importante né. E quando você tem meu pensamento e quando você tem uma casa cheia de egbomi você sabe que aqueles Santos escolheram a sua casa tão ali com você. Eles gostam de vocês estão energizando essa casa. Mas quando chega um santo na sua casa é diferente por quê? Porque esse santo chegou, ele te escolheu nesse momento então ainda você você se sente melhor porque você sabe que você ainda tem alguma coisa para oferecer se ele te escolheu então isso para mim tá muito claro eu quero fazer... 36 Iawôs por ano, eu sei que eu não vou poder fazer que são três três por mês não vou fazer mas quantos... é o que eu sempre digo né, eu só quero aquilo que Deus e Oxalá me der. Eu não quero nada de ninguém, volto a frisar, vi aqui que as pessoas fazem muito isso eu não gosto. eu tô fazendo eu sou eu mesmo sou capaz de valer pela minha palavra. Mas uso o Marcos uma vez mais para, para afirmar isso eu não sou o babalorixá que canta a cabeça de ninguém, porque eu acho que não sou eu que te escolho nem você que me escolhe, é Oxalá e Oxossi é que tem que decidir isso por nós e se eles decidem eu estou encantado que você tome obrigação aqui em casa que você faça parte da minha família tanto da família de Oxalá quanto da família do meu egbé Orum, para mim isso é espetacular porque é um reencontro e um Realismo eu quero que venha muita gente para minha casa mas somente aqueles que Deus e Oxalá quiserem que estejam aqui espero que sejam muito que eu sempre gostei de casa cheia. de fixado não de visita mesmo, essa é a minha posição.

Referências

BASILIO NUNES, Victor Hugo. **Ilê Oju Odé**: políticas de resistência e territorialidades no candomblé de Goiás. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2018.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no Candomblé**: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Pallas, 2004.

CORREIA, Paulo Petronilio. **Agô Orixá!** Gestão de uma jornada afro-estética-trágica: O relato de um aprendizado e de uma formação pedagógica vivida no Candomblé. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2009.

MORAES-JUNIOR, Mario Pires de. **Candomblé** – Discurso em transe. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do candomblé**: história e ritual da nação jeje na Bahia. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

PORTO, Moisés Carvalho. **Fotografia e Memória**: registros iconográficos do Ilê Asé Fara Imorá Odé (2013–2016). Goiás: Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, 2017.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das Religiões Afro-Brasileiras: Sincretismo, Branqueamento, Africanização. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson. **Faces da Tradição Afro-Brasileira**. Rio de Janeiro/Salvador-BA: Pallas, 1999.

ROCHA, Eliane. **Ent(r)e Corpos**: Orixás e a liminaridade do corpo em movimento. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

SANTOS, Camila de Melo. **Os filhos de Xangô**: memórias do terreiro de Pai Joaquim de Xangô. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

SANTOS, Marcos Antônio Ferreira dos. **Fronteiras religiosas híbridas**: o entre-lugar da prática do umbandomblé goiano. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação Ciências Sociais e Humanidades “Territórios e Expressões Culturais no Cerrado”. Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.

SCARAMAL, Eliesse. Notas bibliográficas sobre a história do

Candomblé em Goiás (2002- 2010). **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, 2011. Disponível em [http:// www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html](http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html) Acesso em: 07 de julho de 2011

SILVA, Mary Anne Vieira. **Dinâmicas Territoriais do Sagrado de Matriz Africana**: O Candomblé em Goiânia e Região Metropolitana. Tese (Doutorado em Geografia). Goiânia: UFG, 2013.

SILVEIRA, Renato da. **O Candomblé da Barroquinha**: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto. Bahia: Maianga, 2006.

SOUZA, João Marcos. **F'ara Imóra**: Mitos e Memórias do Caçador. Dissertação de mestrado. Programa de Pós- Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

O artigo discute aspectos da trajetória do candomblé em Goiás a partir da década de 1970, apontando importantes atores e a estruturação de casas de referência em Goiânia, a partir de uma entrevista com o Babalorixá Kerley de Oxalá, que participou diretamente dessa história

RESUMO

Candomblé. Goiânia. Trajetória e atores.

PALAVRAS-CHAVE

The article discusses aspects of the trajectory of candomblé from the 1970s onwards, pointing out important actors and the structuring of reference houses in Goiânia, based on an interview with Babalorixá Kerley de Oxalá, who participated directly in this history.

ABSTRACT

Candomblé. Goiânia. Trajectory and actors.

KEYWORDS

KERLEY DA SILVA GÉA

Diretor do Ilê Axé Ajusan Okotun (Goiânia-GO)

MARCOS ANTÔNIO CUNHA TORRES

E-mail: marcosodetorres@hotmail.com

RECEBIDO: 20.04.2023

ACEITO: 11.05.2023